

Sardinhas em mar de tubarões

Entrevistas com quem faz o mercado, para quem entrou (ou está entrando) no mercado

O número de investidores da bolsa de valores brasileira multiplicou. Invariavelmente, o número de informações sobre a bolsa também foi multiplicado. Newton disse que só se vê longe subindo no ombro de gigantes. O texto a seguir busca fornecer alguns poucos ombros para novos curiosos. A curiosidade sobre a bolsa, aliás, também cresceu muito. O texto a seguir, fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, tenta lançar luz sobre muitos temas, e servir de lanterna para que novas sardinhas saibam como navegar em um oceano infindável.

O estereótipo médio de um investidor é, em suma, alguém que usa anglicismos com frequência, veste roupa social de segunda à sexta, frequenta restaurantes italianos durante o horário de almoço e dorme menos horas do que a média da população. As doenças mais recorrentes talvez sejam gastrite e alguns distúrbios que vêm justamente como consequência de níveis reduzidos de sono. Os filmes favoritos são, naturalmente, vinculados à Wall Street. Gostos musicais oscilam do clássico às modas da contemporaneidade. Idade, de 25 a 45. Homem. Solteiro.

A descrição acima, em tom de ficha criminal, funciona como algum retrato do “Faria Limer”, termo cunhado pela revista *Veja* São Paulo ao publicar uma reportagem de capa sobre o coração financeiro do Brasil. A Avenida Brigadeiro Faria Lima, que dá origem à alcunha, é o berço do mercado de capitais brasileiro e onde acontecem os principais movimentos empresariais e do ramo de investimentos. O lugar é o ‘cerne físico’ do mundo de negócios, girando bilhões em transações. É onde números piscam na tela freneticamente e nascem e morrem sorrisos.

Mas apesar de ainda ser um local, profissional e fisicamente, relativamente nichado, o mercado que a Faria Lima atua multiplicou e, agora, atende a todos os demais públicos. Há poucos anos, em 2018, eram 800 mil CPFs cadastrados na Bolsa de Valores Brasileira, a B3. Em meados de fevereiro de 2022 a bolsa reportou cerca de 5 milhões de contas de investidores em um relatório. Independentemente da faixa etária ou da classe social, pessoas passaram a falar mais sobre tópicos como “investimentos”, “economia” e similares. Esses assuntos agora dominam as redes sociais, o papo de bar e algumas decisões financeiras de muitos brasileiros.

Há dois lados dessa moeda. O óbvio é a democratização e a popularização. Ficou extremamente mais acessível e mais barato investir, comparado-se o início da década com o momento atual. É preciso menos dinheiro para começar a investir, seja em ações, fundos ou títulos de renda fixa. Mais pessoas estão saindo da poupança - que rende menos que a inflação na esmagadora maioria das vezes - e alocando dinheiro em ativos que possam aumentar a sua renda e o seu patrimônio. Além disso, a popularidade fez com que noções básicas de contabilidade, administração e afins estivesse mais presente na rotina de mais pessoas.

O outro lado é o fato de que, como disse a primeira dama Eleanor Roosevelt e, mais tarde, o Homem Aranha em uma HQ: *With Great Freedom comes great responsibility* (Com grandes liberdades vêm grandes responsabilidades). Ao mesmo tempo, a democratização deu uma margem maior para golpistas e profissionais mal intencionados, e ofereceu investimentos de alto risco para pessoas com pouco conhecimento e pouca capacidade emocional.

Um gestor brasileiro notório, Henrique Bredda, sócio do investidor bilionário Luiz Paes de Barros em uma gestora de recursos, chegou a questionar se todo o trabalho de incentivo para o investimento em ações vale a pena, já que muitas pessoas não possuem o estômago suficiente para ver seu patrimônio oscilar. Em um podcast de uma casa de análise, comparou o cenário com beber álcool na frente de um alcólatra.

Nesta reportagem, trazemos uma abordagem multilateral sobre esse cenário. Conversamos com algumas fontes de diversas áreas e reunimos alguns documentos e dados sobre o mercado financeiro e o mundo dos investimentos.

Hoje o mercado acionário brasileiro, por dia, movimenta um volume na casa dos bilhões. Foram R\$ 32 bilhões na média diária no mês de março de 2022; R\$ 35 bilhões em outubro de 2021 e, em agosto de 2022, com um menor volume por conta das quedas na bolsa, R\$ 29 bilhões.

Esses números podem crescer ainda mais em um momento em que mais investidores pessoa física - pessoas comuns - estão entrando no mercado. Atualmente, dos mais de cinco milhões de contas, uma fatia expressiva está na bolsa há menos de cinco anos. Ou seja, viveu poucas crises financeiras e ainda tem um conhecimento relativamente limitado sobre o mercado como um todo.

Daniel Kahneman, o único psicólogo a ganhar um prêmio Nobel de Economia, 'criou' o conceito de WYSIATI, um acrônimo para 'What You See Is All There Is', ou 'o que você vê é tudo que há'. O intuito desta reportagem é, ao fim das contas, fornecer uma visão mais ampla, menos nebulosa e com nitidez. É, com algumas horas de entrevista, falar o que não fica implícito nem claro em relatórios de análise, recomendações de assessores ou cartas de gestores - apesar de eventualmente remontar informações contidas nesses documentos.

Investir é para todo mundo. Tomar muito risco é para poucos

Rodrigo Campos já trabalhou com Jorge Paulo Lemann, o homem mais rico do Brasil - ao menos enquanto isso está sendo escrito, com fortuna na casa dos US\$ 13 bilhões. No seu currículo constam locais como a tesouraria do JPMorgan, o Credit Suisse First Boston (CSFB) e a Constellation Asset Management; locais de indiscutível prestígio no mercado financeiro. Com essa vasta experiência, relata que o mercado de ações, e de renda variável como um todo, não é um local tão simples e fácil quanto parece, nem como o marketing volumoso dos dias atuais faz parecer .

“O que tivemos recentemente foi um fenômeno. Recentemente eu falei na Money Week [evento da EQI Investimentos] sobre isso [alta de investidores na bolsa]. Com o juro a 2%, como nós vimos depois da pandemia, você faz o rentista sofrer; a viúva, o aposentado, a pessoa que tem dinheiro rendendo a juros. Nesse contexto, muitas vezes o assessor de investimentos chega para o cliente e fala para ele colocar na bolsa, só que muitas vezes o aporte feito é com um dinheiro que ele nem poderia colocar nesse tipo de investimento”, afirma.

Para ele, alguns investidores iniciantes correm um risco muito maior do que o recomendado para o seu perfil, e acaba tendo uma exposição em ativos de alto risco que pode ser nociva.

É praticamente unânime entre especialistas que, antes de investir em ações ou outras classes de ativos, é essencial guardar dinheiro em um ativo que você possa sacar facilmente (de alta liquidez) e, após isso, que aos poucos sejam feitos investimentos em outros ativos - uma alocação popularmente conhecida como reserva de emergência.

Com a democratização dos investimentos, muitos investidores ou pulam essa etapa, ou acabam poupando mas ‘metendo os pés pelas mãos’ em termos de alocação e colocando mais do que devem em ativos de alta volatilidade.

Parte disso decorre do fato de que o risco de eventuais perdas permanentes fica maior com a idade. Trocando por miúdos, quanto mais o tempo passa, menor risco se deve correr.

“Se eu tivesse 20 anos, teria quase todo meu patrimônio em bolsa. Mas quando você tiver 60, 70 ou 80 anos, não dá pra fazer isso. Se você quebrar quando é jovem, você tem tempo de se reconstruir. Quem é mais velho não tem esse tempo”, comenta.

Além disso, Campos cita que existe uma distorção das noções de concentração na hora de investir.

Como já foi gestor e lidou com dinheiro de terceiros, cita que ‘ficaria mais tranquilo’ se soubesse que quem investe em um fundo não possui 90% ou todo seu dinheiro alocado lá.

Isso porque um fundo de investimento pode ter meses consecutivos de queda. Mesmo o mais genial dos gestores perde dinheiro em um momento de crise financeira, por exemplo. Vários entrantes no mundo dos investimentos, contudo, colocam dinheiro nesse tipo de ativo esperando retornos garantidos ou

performances imediatas - justamente o que é frequentemente prometido em diversas peças de publicidade.

Ou seja, na visão de Campos ainda há uma noção de risco ainda falha por parte das sardinhas - alcunha dada para os investidores pessoa física. E é, claro, de noção temporal.

Como um breve exemplo, o fundo Verde, da Verde Asset Management, gerido por Luis Stuhlberger (considerado praticamente um semideus da Faria Lima) acumula uma rentabilidade de cerca de 21.000% desde o seu início, em meados de 1997. Hipoteticamente, um investidor que fez um aporte de R\$ 10 mil em 1997 poderia resgatar R\$ 2,1 milhões em 2022. Para isso, teria que passar por diversas crises, meses com o dinheiro investido em queda e incertezas sobre o mercado brasileiro.

Esses seriam ridiculamente menores se investidos na poupança ou em um plano comum de previdência privada, investimentos que são mais usuais a investidores que tem pouca capacidade emocional.

Rodrigo Campos, nesse aspecto, é categórico. Para ele, o que faz bons investidores, além do intelecto, é a capacidade de suportar ver seu dinheiro oscilando ao longo do tempo.

“O estômago é um divisor de águas”, crava.

Trocando por miúdos, a grande questão é que investir - seja em fundos, ações ou outra classe de ativos - exige algum preparo psicológico. Exige saber se você tolera ou não saber que o seu dinheiro e o de outros tantos está derretendo por conta de alguma crise imediatista ou algum problema da empresa que você investe.

O próprio Luis Stuhlberger, em tom de brincadeira, chegou a falar que a volatilidade o incomoda. Em uma transmissão ao vivo da Spiti, uma casa de análise de investimentos, em meados de outubro de 2020, o gestor ironizou que preferia ir à penitenciária do que se manter alocado em títulos de renda fixa que considerava ‘incertos’ naquele momento.

“Se eu aplicar em títulos prefixados para 2022, eu estaria ganhando 3,20% contra um CDI de 1,90%. Mesmo considerando a expectativa de alta dos juros para o ano que vem [para 5% em dezembro de 2021], não tenho coragem de fazer isso. Também não acho que é para tomar. Se eu cometesse um pequeno delito e um juiz me desse duas penas para escolher: ficar aplicado em [títulos do Tesouro] prefixados para janeiro de 2022 de hoje até o fim [vencimento] sem poder mexer, eu escolheria ficar 30 dias na cadeia”, disse, na ocasião.

O cemitério dos fracassados é silencioso

Somado às falas sobre risco, investimentos e afins, Rodrigo Campos também aponta que há um viés comportamental relativamente forte no mercado financeiro, seja para quem entra no ramo como investidor ou como alguém que quer trabalhar dentro do mercado.

O oráculo do mercado cita o *survivorship bias*, ou viés do sobrevivente, em tradução livre. É um termo para descrever uma tomada de decisões que se baseia majoritariamente em casos de sucesso por serem os mais evidentes.

Campos destaca que para cada investidor ou empresário bem sucedido, mil ficam pelo caminho. A fala não veio no tom de invalidar o legado dessas pessoas ou da estratégia de enriquecer aos poucos com ações, mas de alinhar expectativas com a realidade e de não necessariamente replicar o que grandes investidores fazem por conta de uma diferença de perfil e de condições.

“O que você tá vendo é quem sobreviveu, mas o cemitério tá lotado”, diz.

No fim das contas, destaca que é possível ganhar dinheiro e rentabilizar o patrimônio e aumentar a renda, mas que é necessário ser ‘pé no chão’.

“Uma má alocação, de risco muito alto, pode inviabilizar financeiramente uma festa de casamento, uma formatura. Tem que ter isso em mente”, afirma.

Campos também destaca que é essencial entender que nem tudo que aparece na publicidade e em anúncios do YouTube é real, e que o cotidiano dos investimentos fica fora do que é mostrado pelo marketing, muitas vezes.

Em uma analogia, aponta que nem sempre o que é propagandeado ou oferecido é o melhor.

“Quem ganhou dinheiro na corrida do ouro não foi quem estava no negócio de ouro. Quem mais ganhou dinheiro nessa época foi quem vendeu pás e produtos de suporte para quem estava na corrida do ouro. No mercado é a mesma coisa”, explica.

Por fim, após ter passado pelos maiores bancos do mundo, lugares facilmente considerados atrativos pela remuneração, cita que entrar para trabalhar no mercado financeiro somente por dinheiro não funciona.

“Não adianta você entrar pra trabalhar no mercado se só você só quer a remuneração. Se você fizer isso, você vai sair do escritório às 18h porque você quer fazer o que você gosta, e vai ter um cara bom e apaixonado pelo que faz que vai ficar lá. Nessa competição você vai ser medíocre e, no fim, também não vai ganhar tanto dinheiro”.

Além disso, pontua que é importante achar um caminho que tenha uma certa adequação ao perfil. Ele explica isso em uma metáfora simples e precisa.

“Não adianta muito você ter 1,60 de altura e sonhar em ser armador da NBA”.

Pirâmides e Day Trade atraem muito. Também lesam muito.

Afora os produtos de investimentos legais e com bom lastro, dentro do guarda chuva de bancos e corretoras, há um outro tipo de lugar onde alocar seu dinheiro. Mas talvez não seja possível chamá-lo de investimento.

É notório que quando um serviço é amplamente divulgado e popularizado, vem consigo más práticas. Isso ocorre pois é difícil democratizar algo sem que pessoas mal intencionadas não usufruem disso para lesar terceiros. Com o mercado de ações e o mundo de investimentos de um modo geral, não é diferente.

Junto com toda a publicidade de corretoras, bancos, casas de análise e uma série de instituições bem fundamentadas e recheadas de profissionais honestos e certificados, veio uma leva de publicidade de práticas que são documentada e estatisticamente lesivas ao investidor pessoa física.

Dentre elas estão as práticas de pirâmide, de golpes financeiros e uma série de outros problemas que sequer são investimentos.

Um anúncio de uma empresa já investigada mostra, por exemplo, dois homens negociando ativos e cita uma promessa de ganhos de 7% ao mês. Esse tipo de retorno é, tecnicamente, inalcançável. Se fosse possível, um investidor com um aporte de US\$ 100 mil conseguiria, em cerca de 25 anos, acumular uma cifra de US\$ 147 trilhões - volume maior do que o Produto Interno Bruto (PIB) de todos os países do mundo somados.

Como '7% ao mês' soa algo não tão impossível para uma pessoa física comum, com pouca educação financeira e com interesse em investimentos, é possível que essa empresa receba dinheiro de pessoas bem intencionadas. Os retornos, contudo, não devem vir, e diferentemente de uma alocação errada no mercado de ações - legal e regulado - a perda pode ser de 100%.

Um dos exemplos mais midiáticos desse tipo de prática utilizava justamente um tipo de investimentos relativamente desregulamentado, embora tenha tido o seu Marco Legal aprovado ainda em 2022: o Bitcoin. Com caráter descentralizado, o investimento - que é arriscado, porém legal e com operações seguras em exchanges - é usado de pano de fundo para golpes financeiros.

Glaudson Acácio dos Santos foi abriu uma empresa chamada GAS Consultoria e ficou conhecido como 'Faraó dos Bitcoins'. Glaudson foi preso em agosto de 2021 pela Polícia Federal (PF), que fez uma apreensão milionária. A operação foi tamanha que, até então, trata-se da maior apreensão de criptomoedas da história do Brasil em termos de volume. Além disso, na operação os agentes abriram as portas de sua casa na Tijuca (RJ) e encontraram R\$ 15,3 milhões em espécie, entre notas de real, dólar e euro.

Aliás, mesmo estando preso, Glaudson pleiteou as eleições de 2022. Sua candidatura para Deputado Federal foi impugnada pelo Ministério Público Eleitoral do Rio de Janeiro e ele fez 37 mil votos pelo estado em questão. Ele declarou um patrimônio de R\$ 60 milhões ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Glaudson também

é exceção, mas não pela sua fama ou pelas grandes cifras movidas - mas porque ele, de fato, foi pego pelas autoridades.

Sua notoriedade foi justamente o que o motivou a tentar entrar na política mas, ao mesmo tempo, tornou sua prisão um dos destaques do programa Fantástico, da Rede Globo. Gładson foi somente um dentre vários que tiveram problemas com esse tipo de prática.

Algumas empresas consideradas fraudulentas usam, por exemplo, sede fiscal em países do leste europeu e pagam dezenas de milhares de reais para influenciadores digitais as divulgarem.

Como exemplo, o boxeador Acelino Popó Freitas, que protagonizou um dos eventos de luta mais comentados dos últimos tempos ao enfrentar o influenciador digital e youtuber Whindersson Nunes, pediu desculpas públicas ao ter divulgado o “robozão do pix” nas suas redes sociais. Ele comentou que havia recebido dinheiro para gravar *stories* em seu Instagram - que aumentava a cada dia o número de seguidores após a luta.

“Você quer uma renda extra sem precisar vender nada na internet? Receber no mínimo três Pix por semana de até R\$ 500? O robozão do pix está pagando para várias pessoas R\$ 3 mil ao mês. Basta configurar o robô e pronto”, disse o boxeador no seu Instagram.

Ele relata que ‘entrou R\$ 100 mil na conta de fazer um arroba [publicidade]’.

“Mas eu devolvi. Ainda somos novos nisso, né? Fui ver que era algo do ‘robozinho’. Falei ‘poxa, vamo devolver’. Não vou fazer roubo. Dias atrás mandavam nas minhas mensagens coisas como ‘trancaram meu dinheiro’, ‘não pagam tudo aquilo’, ‘fui tentar sacar e não deu’”, disse o atleta, em entrevista ao Flow Podcast.

Segundo Artêmio Picanço, que atende cerca de 30% dos clientes que alegam ter sido vitimados por Gładson, um dos fatores para esse cenário é o fato de que a aplicabilidade das leis ainda é falha.

“Hoje você tem crime contra a economia popular tipificado na legislação; mas é algo que tem uma pena base baixa, e no geral a polícia tem que ter uma investigação contundente, de modo que isso atrasa a execução penal e a efetividade da lei, isso atrasa também, notadamente, a possibilidade de o dinheiro ser ressarcido. Não tem como ocorrer uma eventual prisão. Para o golpista ir preso, tem que responder por muita coisa”, comenta.

Nos seus casos, dentro do que pode ser expressado por questões de privacidade, compartilha que um cliente alega ter sido lesado em R\$ 7 milhões. Contudo, o que salta os olhos não são as cifras altas, mas os problemas ocasionados.

“O que chama atenção são pessoas que têm problema de saúde, colocaram dinheiro até que iria para pagar tratamento médico e passam necessidades das maiores possíveis”, relata.

Em entrevista, também conta que apesar de ver um horizonte positivo, de mais pessoas buscando educação financeira, haverá sempre problemas do gênero.

“Desde que o mundo é mundo, há golpes, e tem sempre gente que defende eles. Inclusive as pessoas têm um período de maturação para as vítimas acreditarem que caíram e, de fato, perderam dinheiro”, pontua.

Aliás, aos olhos do especialista, a regulação atual, especificamente para o Bitcoin, ainda é falha e pouco eficiente. Ainda em meados de abril o Senado Federal aprovou o Marco Legal das Criptomoedas. A legislação regulamenta o funcionamento das empresas prestadoras desses serviços, mas, segundo Picanço, ‘já nasceu com problemas’.

“Você tem algo que já nasceu problemático; o Marco prevê que o Governo Federal irá fiscalizar essas operações, mas não especifica quem, qual órgão”, afirma.

Dentre os avanços recentes, nota-se um projeto que criminaliza pirâmides financeiras de um modo geral. Ainda em meados de abril de 2021, a Suno Research, em parceria com o escritório Picanço F. Braga Advogados, lançou um Projeto de Lei de Iniciativa Popular (PL) para criminalizar as pirâmides financeiras no Brasil.

A fim de aumentar o rigor da legislação, o PL modifica o artigo 171-A do Código Penal, tipificando como crime o Esquema Ponzi - nome técnico para uma pirâmide financeira.

Mesmo com a legislação e as outras normativas, Picanço - que está envolvido na elaboração do PL - cita que ‘há lei, mas não há rigor’.

“A informação, no texto, tem que ser adequada. Acho que o que falta é a aplicabilidade da lei, simplesmente aplicar o que já se tem. A legislação já está aí, mas não se coloca a coisa para funcionar”.

Grandes perdas no intradia

Ao mesmo tempo, juntamente com a popularidade do aumentou também o volume de publicidade de práticas como, por exemplo, o *day trade*.

Como o nome diz, trata-se de uma negociação em um só dia. Você entra no seu aplicativo da corretora ou *home broker* e, em um mesmo dia, realiza negociações, tentando ganhar dinheiro com movimentações de curtíssimo prazo.

Em um exemplo simples, você pode negociar contratos do Ibovespa com vencimento no mesmo dia - ou seja, apostar na queda ou na subida do principal índice da bolsa de valores. Segundo dados da B3, o volume financeiro dentro desse ativo gira acima de R\$ 300 milhões ao dia, na média.

Esse tipo de operação não costuma ser classificada por especialistas como um investimento, mas sim como uma especulação. Trocando por miúdos, é praticamente impossível você, enquanto pequeno investidor, ganhar dinheiro com esse tipo de operação, haja vista que o volume de informações que influencia a movimentação do índice é infindável.

Existem bons profissionais que realizam *day trade*, mas são pessoas capacitadas e que possuem décadas de mercado e uma rotina totalmente orientada a isso. São profissionais e estão inseridos no meio. Esse tipo de operação, aliás, também pode ser feita por investidores de longo prazo e mais fundamentalistas.

O ponto é que, com o aumento do marketing acerca dessas práticas, pessoas comuns passaram a ter a noção de que é possível passar poucas horas em casa operando contratos futuros ou derivativos e 'gerar renda extra' ou 'aumentar seu patamar financeiro', como consta em peças de publicidade do setor.

Mas, vale lembrar que embora o *day trade* e operações especulativas possam ser lesivas, elas estão dentro da lei e são práticas bem regulamentadas. Enquanto isso, golpes e pirâmides ficam fora da lei e muitas vezes só aparecem em publicidade no YouTube pelo fato de que as empresas responsáveis não conseguem ser alcançadas ou punidas pelas autoridades.

O grande ponto do *day trade* é que, na prática, ele dá mais dinheiro para as corretoras e fundos do que para pessoas físicas.

Como exemplo, é usual que instituições ofereçam alavancagem para pessoas operarem *day trade*. Isso nada mais é do que conceder crédito (dinheiro) para que alguém opere.

Já que poucos ganham e é fácil tirar dinheiro de sardinhas usando esse método, algumas casas chegam a oferecer alavancagem de 5x, 10x ou até mais. Ou seja, se você possui R\$ 1 mil como saldo na corretora, você poderá operar com R\$ 5 mil ou R\$ 10 mil. Você pode vir a perder absolutamente todo esse dinheiro. Nesse caso, você passaria a dever 5x ou 10x mais do. Há casos em que pessoas apostam uma fatia relevante do seu patrimônio nesse tipo de operação - e, com a alavancagem, devem até mesmo o que não possuem para as corretoras.

A pesquisa mais notória sobre o tema, dos especialistas Bruno Giovannetti e Fernando Chague, da Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getulio

Vargas (FGV/EESP), mostra que 97% das pessoas que especulam na bolsa perdem dinheiro e, quem ganha, leva menos de R\$ 300 por dia.

Em um momento posterior à publicação do seu estudo, Giovannetti abriu os dados da pesquisa em suas redes sociais. Nos gráficos, mostrou que, com base nos dados da B3 e da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), o lucro anual das pessoas jurídicas com *day trade* saiu de R\$ 5 milhões em 2012 para R\$ 110 milhões em 2017. Contudo, o prejuízo dos investidores pessoa física saltou de R\$ 10 milhões para R\$ 272 milhões – ou seja, cresceu 2.620% no mesmo recorte, de somente cinco anos.

Em um recorte mais recente, olhando para o interesse dos investidores pessoa física, que estão atualmente amparados pelos meios digitais, é perceptível que, segundo os dados do Google Trends, o interesse por *day trade* é praticamente irrisório em se tratando de buscas em mecanismos de pesquisa (Web Search) ao passo que no YouTube, uma plataforma que muitos recorrem para estudar e ter contato com conteúdo sobre o tema, fica explícito um interesse extremamente grande, que chega a superar buscas por termos amplos e usuais, como “Investimentos”.

Afora o *day trade*, dentro do mundo dos investimentos, há uma série de outras práticas e modalidades de investimento que são tão arriscadas quanto - e nocivas, caso sejam mal utilizadas. Outros exemplos são derivativos, *shorts* e opções, ou até mesmo as operações de *swing trade*, em que a rotação da carteira é feita com prazos específicos, de alguns dias ou semanas. São operações que também têm um caráter especulativo e dependem de fatores complexos. Gestores profissionais e investidores renomados os usam, seja como forma de ganhar dinheiro ou como calibrar a carteira de investimentos (hedge), a fim de melhorar a gestão de risco. Assim, o dinheiro alocado em operações desse caráter é pequeno, e a maior parte segue em ativos como ações, ETFs, renda fixa e outros, a depender do tipo de fundo.

O passarinho azul deu voz a muitos

Embora a publicidade e a propaganda nem sempre ofereçam as informações sem viés e sem o verniz comercial, há uma grande quantidade de bons profissionais, atualmente, falando abertamente nas redes sociais sobre o mundo dos investimentos. Como os dados apontam e entrevistados aqui dizem, as redes sociais forneceram um espaço gigantesco para a Faria Lima chegar mais perto do brasileiro médio.

São gestores, analistas, assessores de investimento, jornalistas, executivos e diversos outros que estão compartilhando sua experiência publicamente. Esse ambiente, dentro do Twitter - a rede social de maior adesão pelo mercado financeiro - foi chamado de Fintwit. É um jeito informal de descrever uma bolha de pessoas que falam de finanças, negócios, economia, e ocasionalmente também outras centenas de temas triviais da vida com bom humor.

Sem a internet e sua relevância, o alcance desse público seria menor e mais restrito, e agora ele é gratuito e amplo.

Como exemplo, os gestores Sérgio Machado (@smgestor na rede, atualmente na NCH Capital), João Braga (@jlbraga, da Gestora Encore Asset Management) e Luiz Alves (@luizfalvesjr, da Versa Asset Management) têm perfis públicos na rede, onde compartilham falas sobre o mercado e investimentos, com informações que muitas vezes estariam longe do investidor pessoa física. O próprio Rodrigo Campos (@roderix1966) está na rede e frequentemente compartilha sua experiência de vida e insights sobre o mercado.

Além disso, como exemplo de como a digitalização pode mudar a linguagem, Braga, citado no parágrafo acima, faz vídeos mensais com comentários sobre o seu fundo de investimentos no canal da Encore, sua gestora. Os vídeos, que têm entre 15 e 20 minutos, na média, são um comentário do gestor. Antigamente essas informações ficariam restritas somente à carta de gestão do fundo, um documento muito mais técnico e difícil de ser encontrado na internet, especialmente para o investidor pessoa física.

Ou seja, a Encore publica suas cartas normalmente, conforme exigido pelas autoridades regulatórias, mas também aposta em um conteúdo digital e mais 'humano' para aproximar os profissionais que fazem a gestão dos cotistas. Não é um conteúdo que tem milhões de visualizações e vai para os *trending topics*, mas exibe um esforço de uma empresa que faz parte do mercado mais 'institucional' em investir tempo em conteúdo e proximidade com o público.

Afora os gestores e profissionais do mercado, incontáveis outros perfis são acompanhados e fazem sucesso nas redes, incluindo perfis de humor - que, no fim das contas, também trazem informações sobre o mercado e ganham uma audiência ampla. O exemplo mais emblemático é o Faria Lima Elevator (@FariaLimaElevat), que tem seu nome em referência ao Goldman Sachs Elevator, perfil de sátira de Wall Street. O perfil, atualmente, tem um espaço no site do E-Investidor, um 'braço' do Estadão no nicho de investimentos, finanças e assuntos correlatos.

Everton Macedo, gerente da corretora Senso Investimentos, é conhecido como Leblon Elevator (@EvertonLeblon) no Twitter. Lá, fala sobre investimentos sem um tom comercial ou de propaganda, e interage frequentemente com outros usuários sem toda a 'institucionalidade' que teria um perfil oficial.

Macedo conta que a aproximação humana é algo relevante e ajuda na divulgação de informação sobre os temas relativos a investimentos, mesmo que esteja somente interagindo de forma descompromissada.

“A gente tem essa nova geração que é 100% online. No Twitter você tem acesso a muita gente. Eu tenho inclusive o caso do Flávio Augusto, que me seguiu e é bilionário. Além disso, você tem a oportunidade de poder interagir diretamente com gestores, que estão em peso lá, uma possibilidade que não se tinha no passado”, avalia.

“Tem que botar a cara, o público tá ali. Tudo é engajamento, é rede social, é like; e hoje em dia muita gente do mercado coloca a cara nas redes”, acrescenta, sobre a grande presença de profissionais de relevância institucional nas redes.

Além de todas essas informações técnicas, estratégias de fundos e tudo mais, há algo que é acessível no Twitter e inacessível em todos os demais lugares, exceto em conversas presenciais e eventos. Anekdotes e histórias. Essas histórias nem sempre estão em documentos institucionais, e o Twitter dá vazão para esse tipo de coisa.

Everton relatou duas delas. Uma de um dia de grandes ganhos e outro de grandes perdas.

A primeira, de grandes ganhos, na verdade remonta um episódio icônico (e negativo) do mercado brasileiro. O dia em que o empresário Joesley Batista, da JBS, teve sua ligação com o (à época) presidente Michel Temer vazada aos jornais e isso se tornou público, ocasionando uma crise descomunal. O dia ficou conhecido como 'Joesley Day' no mercado, e provocou um caos generalizado. Sendo um profissional do mercado e realizando operações de maior risco, Everton conta que foi uma exceção no dia em que muitos perderam aos montes.

“O Joesley Day foi o dia que eu mais ganhei dinheiro; no dia anterior eu vendi metade da minha posição que eu opero, da carteira da casa. Vendi metade de toda a Renda Variável. No mesmo dia, no pós pregão, estoura o Joesley Day. No dia seguinte, meu chefe me liga às 6h da manhã e fala pra 'pisar no acelerador'. 'Vai chamar leilão, no 2º leilão a gente compra tudo; compra duas vezes', ele me orientou. Fizemos isso e foi um dia muito bom”, relata.

O trade ruim, por outro lado, veio de outro momento emblemático, em que o presidente da Petrobras, à época, havia pedido demissão de forma inesperada - o que aumentou a incerteza sobre o futuro da estatal. E, é claro, o mercado não gosta de incertezas.

“O dia que o Pedro Parente pediu demissão eu estava comprando no papel. E foram quantidades muito grandes; mais de 100 mil. Ele anunciou a demissão bem no meio do pregão e a ação despencou. Fechei o dia com um prejuízo muito grande, mas deixei rolar. Foi de longe o meu pior dia de pregão, o mercado veio todo na minha cara”, relata.

Muitos entraram na bolsa. Muitos entraram de cabeça no Mercado.

Nesse cenário de euforia e de uma massa de investidores novatos, verdes como a relva, as corretoras acabaram tendo um incremento considerável nos seus lucros. Em partes, porque com a facilidade de venda de produtos financeiros, ficou mais simples oferecer produtos aos clientes.

Boa parte da educação financeira que há no Brasil hoje, em algum nível, é fruto do conteúdo produzido pelas corretoras e pelas suas empresas subsidiárias, além das páginas em redes sociais e influenciadores.

A XP Investimentos, hoje já consolidada, alçou um voo enorme e abriu seu próprio capital na Nasdaq ao fim de 2019. Até lá, investiu pesado em educação financeira, a fim de atrair mais clientes, já que o risco de perdas consideráveis acaba afastando os investidores da renda variável - modalidade que tende a dar mais lucros às corretoras e aos organismos do mercado.

Como exemplo, é comum encontrar conteúdos de bancos e corretoras em formato de 'blogpost' no Google ao buscar por um termo de mercado específico. Buscas por palavras como "CDB", "Selic" e "Dividendos" geralmente vão exibir, prioritariamente, conteúdos de páginas vinculadas a empresas do mercado financeiro - sejam elas bancos, corretoras ou casas de análise.

No caso da XP, a 'Explica Ana', uma influenciadora digital, foi o "rosto" da XP nesse tempo. Hoje, está fora da empresa, mas por muito tempo, foi uma das pessoas mais relevantes em termos institucionais no que tange à educação financeira.

Seu nome é Ana Laura Magalhães Barata. Ela foi citada no Forbes Under 30 e era a cara da XP quando era necessário falar com o pequeno investidor; explicar a ele os conceitos mais triviais e esmiuçar questões técnicas que são tidas como necessárias para realizar investimentos de forma adequada.

Dessa forma, o crescimento das vendas de produtos financeiros e a ascensão do mercado veio junto com um crescimento na produção de conteúdo sobre finanças nas redes sociais, já que era necessário que o seu cliente soubesse o que era *hedge*, *asset management* ou *dividend yield* para que fizesse algum aporte em ações.

Em paralelo a isso, profissionais mais 'comerciais' começaram a ocupar as bancadas de corretoras, que agora tinham um público mais amplo e não mais uma fatia específica da população brasileira.

Juntamente a isso, as corretoras - a outra parte do balcão - ganharam cada vez mais profissionais capacitados e certificados para atender à uma demanda que havia se multiplicado de forma vertiginosa.

Algumas das profissões que despontaram nesse cenário foram a de Agente Autônomo de Investimentos, ou AAI, ou Assessor de Investimentos - profissionais que atuam em contato quase que direto com clientes, o 'varejo' do mercado. As corretoras captaram uma fatia relevante dos funcionários de bancos tradicionais

com esse movimento - além de profissionais de outras áreas - com remunerações mais altas e um ambiente considerado mais atrativo. Além disso, muitos entrantes no mercado financeiro achavam as carreiras mais tradicionais em bancos como 'obsoletas'.

Para efeito de comparação, o ano de 2021 terminou o mês dezembro com cerca de 17 mil AAls atuantes em território nacional segundo dados do Anuário de da Associação Nacional das Corretoras de Valores (Ancord). É mais do que o triplo de quatro anos atrás, quando o número era de 5,5 mil.

Mariana Braga, assessora de investimentos na Messer, um dos 20 maiores escritórios vinculados à XP e vencedor do prêmio G20 de 2021, conta que teve sua trajetória 'mudada' e entrou de cabeça no mercado em meio a todo esse crescimento.

Além de citar a Ana da XP, relata que viu a oportunidade de ter uma vida mais próspera no mercado financeiro, um setor que é naturalmente mais draconiano e competitivo, porém que oferece prêmios mais polpudos. Quando concedeu entrevista, voltara de uma viagem de Mônaco junto com colegas de trabalho do escritório, que foram desfrutar da zona costeira do Mediterrâneo justamente por terem ganho um prêmio do XP pelo alto desempenho.

"Na época de fazer teste vocacional, eu falava que queria fazer direito ou queria trabalhar no banco. Meu tio era gerente regional do Bradesco e já achava aquele povo todo muito chique", conta, aos risos, com um sotaque mineiro.

"Entre no direito, e foram 'duas Marianas' na Graduação. Do 1º ao 5º período eu era muito dedicada na faculdade. Mas aí fiquei do 5º ao 10º período trabalhando no banco. Fiquei no Bradesco de Ipatinga (MG), minha cidade, até um AAI me chamar pra conversar e falar da XP, no início de 2018. Só se falava de XP naquela época", relata.

Ainda em meados de 2018, Mariana ganhou um sorteio de um evento de Real State da XP e foi a São Paulo

"Encontrei a Explica Ana, que tinha virado 'minha musa' em 2018. Ganhei um sorteio e fui para o evento de real estate em SP. Depois disso tudo, e a Ana me levou pra trabalhar na XP".

Em suma, a transição profissional foi relativamente chocante. Sem meias palavras, conta que "se sentiu muito burra" ao entrar na XP e dar seus primeiros passos, pois a cultura corporativa e o ambiente de negócios de um banco tradicional é, muitas vezes, muito distinta de empresas como a XP ou o BTG Pactual.

Como exemplo, funcionários do Goldman Sachs dos EUA pediram, em carta conjunta, redução das horas trabalhadas porque a média diária de trabalho batia na casa das dezoito horas - o que eliminava uma mínima possibilidade de se passar tempo com a família ou ter um hobby. No varejo bancário brasileiro, funcionários relatam uma obrigatoriedade de 'trabalho limitado'. Murilo Duarte, contador e influenciador digital sobre o tema, conhecido como "Favelado Investidor", relatou em um episódio do Ironberg Podcast que, quando trabalhava em uma agência do Bradesco, o seu computador emitia um aviso quando o seu expediente se

aproximava dos cinco minutos finais, e o computador desligava automaticamente assim que ele de fato acabava.

Apesar de os dois mundos serem cheios de gráficos, números e planilhas de Excel, há uma diferença abissal entre os bancos mais tradicionais e as corretoras de investimentos. Mariana foi alguém que atravessou essa longínqua ponte.

“Foi um choque muito grande. No banco era a única pessoa que falava de NTN-B [Notas do Tesouro Nacional, um título de renda fixa], de diferentes planos de previdência; eu era a única com CPA-20 [Um tipo de certificação Financeira] lá. Quando eu cheguei na XP, simplesmente conheci gente fluente em três idiomas, com certificações extremamente difíceis de alcançar. Eu apanhei muito”, relata.

Mesmo que o incentivo financeiro a tenha feito entrar na porta do banco como funcionária, em toda a entrevista - e nas suas redes sociais - Mariana, ou Mari, é de longe, a pessoa mais sorridente possível.

Exala ser workaholic e estar apaixonada pelo próprio trabalho. Ela relatou, ao fim da entrevista, que tinha uma reunião com um cliente (atualmente, trabalha como Assessora de Investimentos na Messer, de Porto Alegre). A fala não transmitia uma obrigação árdua e enfadonha a seguir, mas sim uma vontade de ajudar alguém e de confiança e ânimo para com o próprio ofício - algo que é extremamente valorizado em praticamente qualquer companhia que tenha berço na Faria Lima. Como disse Campos, ‘ser apaixonado pelo que faz’.

Na internet, as sardinhas navegam em águas translúcidas

Se você leu tudo até aqui, deve ter percebido que a grande matéria prima ao investir é a informação. O investidor deve levar em consideração um volume relevante de dados ao realizar um aporte - isto é, se você tomar uma decisão de compra ou venda baseada puramente na cotação de algum papel, ao calor da emoção, provavelmente estará tomando uma decisão pouco ponderada e irracional. Grandes investidores citam que isso pode lhe dar algum dinheiro no momento, mas estatisticamente falando, deve lhe dar muitos prejuízos no longo prazo.

Existem alguns tipos de informações que são relevantes além da cotação das ações e as notícias que são facilmente acessíveis no Google ou nas redes sociais.

Como exemplo, é possível descobrir números sobre qualquer empresa pública - isto é, listada na bolsa de valores - no site oficial da Comissão de Valores Mobiliários, a autoridade que regula o mercado brasileiro. São documentos técnicos e densos. Contudo, dão mais poder ao investidor pessoa física e qualquer outra pessoa que precise ou queira saber informações como o lucro da Vale ou da Petrobras, ou quantos funcionários tem a XP. É uma base de dados infundável sobre o mercado de capitais brasileiro - e, por consequência, sobre a economia do país.

Além disso, outras ferramentas permitem o acompanhamento de indicadores macroeconômicos em tempo real, como o Investing, que reporta dados sobre a economia global de forma dinâmica e gratuita. As informações vão desde o Produto Interno Bruto (PIB) e a inflação do Brasil e dos Estados Unidos aos discursos dos membros do Federal Reserve e os Índices de Gerentes de Compras (Purchasing Manager's Index ou PMI, na sigla em inglês) de países da Europa.

Em se tratando de ferramentas puramente voltadas para o mercado de ações e afins, o TradeMap e o Status Invest fornecem, também de forma gratuita, dados sobre os múltiplos de empresas, cotações de ativos, proporção do pagamento de dividendos (dividend yield) e outras informações antes menos acessíveis. Ambas possuem planos pagos, com mais serviços e informações mais relevantes, mas são frequentemente consideradas aliadas das sardinhas na jornada do mundo dos investimentos.

Contudo ainda ficam em patamar inferior à ferramenta mais famosa e 'endeusada' do mercado - o terminal Bloomberg, que custa milhares de dólares. A eficiência é muito maior e se trata de um serviço exclusivo e geralmente voltado para investidores mais institucionais e profissionais do mercado, que de fato estão dispostos e possuem condições de desembolsar o custo em ferramentas que não fazem sentido para o investidor pessoa física.

Afora isso, casas de análise, corretoras e gestoras mantêm, em suas páginas e redes sociais, mais conteúdo gratuito sobre investimentos - inclusive recomendações de investimento.

A XP, citada previamente, possui o Expert XP, um site onde, gratuitamente, a empresa fornece análises de profissionais certificados (CNPI) sobre uma

determinada empresa. Como por exemplo, uma recomendação de compra, de venda, ou neutra, acerca de ações preferenciais da Petrobras. Também há o Expert Pass, a versão premium e paga do serviço, mas a versão gratuita segue com dados como preço-alvo para as ações e o racional utilizado para dar aquela determinada recomendação.

Todas essas ferramentas cresceram e ganharam mais visibilidade - e geraram mais acessos digitais - durante o crescimento do número de investidores pessoa física na bolsa de valores.

Uma sardinha que virou tubarão

Até aqui foi discutida a democratização dos investimentos, a sua ampliação em termos de público e a transformação financeira feita nos últimos anos. Algo para as sardinhas. Alguma parte dos tubarões, contudo, foi sardinha algum dia. São casos raros, exceções, se comparados com a média. De todo modo, boa parte dos multimilionários e bilionários possuem algo em comum - predileção por enriquecer com empresas.

Trocando por miúdos, a maior parte dos mais ricos da Forbes, de algum modo, tem vínculo com *equity* - termo que se refere à uma participação societária em uma empresa, que também pode ser chamado de 'ativo' ou de 'capital', simplesmente.

Ou seja, quando uma notícia cita que Elon Musk tem mais de 200 bilhões de dólares, não é porque esse é um dinheiro 'usável' pelo empresário, no saldo da sua conta bancária, mas sim porque o patrimônio do qual ele é dono é avaliado nessa cifra. Da mesma forma, quando alguma notícia cita que 'uma empresa vale 200 milhões de dólares a menos', não significa que a mesma teve perdas financeiras concretas - somente que as ações listadas na bolsa de valores caíram, e por consequência o valor da mesma declinou.

Dito isso, alguns tubarões ganharam equity trabalhando como executivos, fundando empresas, mas diversos outros o fizeram comprando participações acionárias e multiplicando suas participações em negócios.

A nível global, o emblema mais conhecido por isso foi Warren Buffett. O megainvestidor e atual quinto homem mais rico do mundo, fez seu primeiro aporte aos 11 anos. Com o efeito dos juros compostos, multiplicou boa parte do seu patrimônio após os 60 anos, alçando-se ao patamar de bilionário. Já teve participação em ações da Apple, Coca Cola, Bank of America e diversas outras gigantes americanas.

Atualmente, suas participações acionárias são feitas pela Berkshire Hathaway - uma holding que detém outras empresas e que também é listada na bolsa de valores dos EUA. Aliás, com a democratização do mercado, é possível ser 'sócio' de Buffett, com a compra de BDRs da Berkshire, disponíveis em corretoras brasileiras.

No Brasil, Luiz Barsi é considerado o maior investidor pessoa física. Barsi, na infância, trabalhou como engraxate para ajudar com as despesas de casa. Décadas depois, mesmo com um patrimônio na casa dos bilhões, o megainvestidor brasileiro ainda cultiva hábitos como andar de metrô e dispensar peças de luxo como relógios esportivos e carros conversíveis, mesmo que sua condição financeira o permita adquirir esse tipo de bem.

Trata-se de uma filosofia diferente da de alguns citados na reportagem e de diversos outros profissionais e investidores do mercado financeiro.

Barsi, na casa dos 80 anos, com mais de R\$ 2 bilhões, acumulando o apelido de 'rei da Bolsa', declarou que "dinheiro não é para gastar, só serve para fazer mais dinheiro" em entrevista ao jornal Estado de S. Paulo em meados de 2019. Na ocasião, revelou que sua mentalidade era de ser sócio das empresas as quais comprava ações. Além disso, citou que gostava dos momentos de pânico do mercado, já que a queda das ações abria uma janela de oportunidade.

"Eu não invisto em ações da Bolsa. Eu compro participações em empresas com bons projetos. Gosto de companhias tradicionais e só compro as ações quando os preços estão em queda, nunca em alta", disse.

A sua motivação para investir, ainda na casa dos 20 anos, foi de que temia não se aposentar com dignidade e de ter boas condições financeiras no futuro.

Ainda em 2021, o ano em que a bolsa de valores bateu o recorde histórico - de mais de 130 mil pontos, em meados de junho - revelou em um podcast que, na média, ganhou R\$ 1 milhão ao dia em dividendos de empresas que detinha participação. Isso, considerando que as distribuições de proventos de ações da sua carteira somaram cerca de R\$ 365 milhões no ano.

Logo em seguida, relatou que não tem expectativas de que isso volte a ocorrer e que tem paciência pros anos seguintes.

"Foi um ano generoso, gostaria que se perpetuasse, mas tenho um sentimento que isso não vai ocorrer em virtude da anormalidade", analisa.

Em outra ocasião, ao jornal Valor Econômico, falou justamente que viu na bolsa de valores uma forma acessível e simples de se tornar empresário quando ainda era jovem.

"Eu pensei: quem é que tem uma renda mensal digna e permanente? O empresário. Aí falei: quero ser um empresário. Mas não tinha dinheiro nenhum para isso. A primeira coisa que pensei era que queria ser dono do Banco do Brasil, mas nunca vou ser dono do Banco do Brasil. Percebi que poderia me tornar um pequeno dono por meio de ações".

À época da entrevista, Luiz Barsi era o maior sócio pessoa física do banco. Em falas públicas, ele atribui esse resultado à sua estratégia de ir comprando ações religiosamente todos os meses ao longo dos anos.

Barsi, contudo, nasceu em meados de 1939, iniciou no mundo dos investimentos nos anos sessenta e no momento atual, além da fortuna, ostenta algo citado por outras personalidades, sejam elas aqui entrevistadas ou não: estômago. Além do conhecimento teórico e prático acumulado, sua filha revelou que em um momento que suas ações da Unipar caíram a R\$ 14, no auge da pandemia em março de 2020, seu patrimônio saiu do patamar de bilhões para ficar na casa dos milhões. Quando ela foi avisá-lo, Barsi estava tirando seu cochilo da tarde.